



MURILLO DE ARAGÃO

Por Murillo de Aragão

✓ SEGUINDO

Brasil

A escalada da violência

O medo move votos e dá tração a discursos de autoridade

Por Murillo de Aragão

7 nov 2025, 06h00 • Atualizado em 7 nov 2025, 12h11



Operação policial contra o Comando Vermelho na Vila Cruzeiro, no Complexo da Penha, no Rio (28/10/2025) (Mauro Pimentel/AFP)

A+ A-◐◀ ▶ Bookmark

Ouvir texto

▶ ○

0:00 1.0x

A operação nos complexos do Alemão e da Penha, no Rio, reacendeu o debate sobre o peso da segurança na política. O episódio recolocou a violência no centro da agenda nacional. Depois de anos dominados por economia, custo de vida e polarização, o medo voltou. Parcela expressiva do eleitorado aponta a violência como principal problema. O tema ressurge porque atravessa o cotidiano e reordena prioridades eleitorais.

Há discrepância notável entre indicadores e percepção. Embora os dados indiquem leve queda de homicídios recentemente, a sensação de insegurança se espalha. O eleitor não consulta relatórios: vê arrastões no bairro, teme o ponto de

ônibus e assiste a criminosos armados na TV e nas redes. O medo move votos e dá tracção a discursos de autoridade.

Isso expõe a vulnerabilidade do governo [Lula](#). No Rio, pesquisa pós-operação registrou 60% de avaliação negativa e 18% positiva para a atuação federal na área. Nacionalmente, a mesma fonte aponta a segurança como a maior aflição do eleitor. O problema também é de comunicação: o governo oscila entre condenar operações letais e reconhecer a gravidade do crime organizado. A ambivalência transmite hesitação. Em segurança, o eleitor cobra coerência e comando.

“O governo oscila entre condenar operações letais e reconhecer a gravidade do crime organizado”

O tema atinge de forma particular três segmentos decisivos: os mais velhos, que valorizam ordem e previsibilidade; as periferias urbanas, onde a violência é cotidiana e a ausência de serviços em razão do domínio de facções gera demanda por autoridade e apoio a ações duras; e os conservadores, sensíveis à pauta da “lei e ordem”, cujo discurso hoje ecoa entre moderados cansados da insegurança.

SIGA

ENTRAR NO CANAL



[LEIA MAIS](#)

A posição política de Ana Paula, que causa discórdia no BBB 26

O que Bolsonaro nos deu de bom

As chances reais de Britney Spears fazer megashow de Copacabana

Mais que ideologia, o debate se organiza por atitudes diante do crime. Há maioria que apoia medidas firmes dentro da lei; segmento menor que defende tolerância zero e confronto direto; e minoria que prioriza abordagens garantistas e preventivas, centradas em políticas sociais e redução da letalidade policial. Os tamanhos variam, mas o pêndulo tem se deslocado para respostas mais assertivas do Estado.

Pesquisa da More in Common/Quaest mostra que 54% dos brasileiros formam “maioria invisível” — composta de 27% de “desengajados” e 27% de “cautelosos” — que não se identifica com extremos ideológicos, enquanto apenas 10% da população está dividida entre “progressistas militantes” e “patriotas indignados”. Essa maioria silenciosa, ignorada pelo debate político, não se preocupa com batalhas ideológicas abstratas, mas com questões práticas e imediatas: emprego, saúde, segurança e custo de vida.

O fenômeno explica o crescente apoio a políticas de “law and order” mesmo entre eleitores sem identificação ideológica clara. Quando a violência se torna problema cotidiano, a resposta do eleitorado é pragmática, não ideológica — querem soluções que funcionem, independentemente de rótulos políticos. Essa realidade desmente a narrativa de Brasil dividido em duas torcidas e revela que o sucesso eleitoral em 2026 dependerá menos de mobilizar bases ideológicas e mais de oferecer respostas concretas ao medo que paralisa a maioria invisível. É a massa de brasileiros desengajados do debate polarizado, mas profundamente afetados pela insegurança, que decidirá os rumos da política.

Publicado em VEJA de 7 de novembro de 2025, edição nº 2969

EM ALTA



1

O que ocorreu com Mara Maravilha na caminhada de Nikolas antes de ser internada



2

A reação da oposição que periga azedar o Carnaval de Lula: ‘Um escárnio’



3

O grande risco da candidatura de Flávio Bolsonaro e o trunfo de Kassab, segundo cientista político



4



TAGS: CLAUDIO CASTRO

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

POLÍTICA

RIO DE JANEIRO

SEGURANÇA PÚBLICA

Assine Abril

Veja

Guia Do Estudante

Superinteressante

Quatro Rodas

Veja Negócios